

A vida é feita de constante sobreposição de realidades antigas e novas, e não é bom pensar sempre que o mundo começa a partir de nós, que devemos enfrentar os problemas a partir de zero. E a pessoa prudente é também *previdente*. Uma vez decidida a meta a atingir, há que procurar todos os meios para a alcançar.

Papa Francisco, *Audiência geral*, 20 de março de 2024



# Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2024  
Ano XI Nº 118

118



## Agenda abril 2024

- 2 a 4 **Algarve** (Ferragudo) – Encontro nacional de catequese: *Identidade e Ministério do Catequista: Desafios Pastorais*
- 4 **Ílhavo** – Rota da juventude
- 5 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Liderança Inaciana
- 5 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Psicologia positiva
- 5 a 7 **Colares** (Santo Inácio) – “Quem é Jesus para mim?”
- 5 a 7 **Ávila** (CITeS) – Curso: Noite Escura
- 6 **Albergaria-a-Velha** – Rota da juventude
- 6 **Lisboa** (Conv. S. Domingos) – Conferência: *Assumir e ultrapassar o medo: “Não Tenhais Medo!”* – Teresa Messias
- 6 **Colares** (Santo Inácio) – Retiro de 1 dia
- 6 e 7 **Braga** (Casa da Torre) – Relógio da família
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos
- 11 **Angra** (Pico, São Mateus) – Retiro orientado por Ângela de Fátima Coelho, *asm*
- 11 **Algarve** – Formação para animadores juvenis e catequistas
- 11 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 11 a 19 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 12 a 14 **Ávila** (CITeS) – Congresso sobre ETTY HILLESUM: *Escrita íntima, escrita exposta*
- 12 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Pausas para Deus
- 12 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Eneagrama II
- 13 **Oliveira do Bairro** – Rota da juventude
- 13 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus
- 13 **Lisboa** (Conv. S. Domingos) – Conferência: *Igreja: Um hino à alegria* – José Nunes
- 13 e 14 **Colares** (Santo Inácio) – Fim de semana para noivos
- 15 a 17 **Braga** (Espaço Vita) – XXXV Jornadas Teológicas
- 17 **Lisboa** (UCP) – Início do curso: *O Papa Francisco, a questão moral e o espaço público global*
- 18 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 19 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 19 a 21 **Fátima** (Domus Carmeli) – II Congresso de Santa Teresinha do Menino Jesus
- 19 a 21 **Ávila** (CITeS) – Curso: Maria Zambrano e S. João da Cruz
- 20 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração)

- 20 **Anadia** – Rota da juventude
- 21 a 28 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 24 a 27 **Braga** (Bom Jesus) – I Congresso Espiritualidade e Mística: *À procura do não-limite*
- 24 a 28 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 26 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 26 **Sever do Vouga** – Rota da juventude
- 26 a 28 **Ávila** (CITeS) – Curso: Integração espiritual
- 27 **Águeda** – Rota da juventude
- 28 **Avessadas** – Peregrinação dos universitários e Domingo das bênçãos

## Agenda maio 2024

- 3 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 4 e 5 **Fátima** (Santuário) – Fátima Jovem
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – P. Vítor Mira de Jesus
- 7 **Porto** (C. Cultura Católica) – *A cultura do cuidado nas organizações do sector social* – Lino Maia
- 10 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 11 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus
- 13 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontros Bíblicos
- 16 a 18 **Vaticano** – Convénio Internacional sobre Desporto e Espiritualidade
- 17 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 17 a 19 **Fátima** (Domus Carmeli) – Jornadas de espiritualidade e longevidade: *O desenvolvimento humano integral*
- 18 **Braga** (Carmo) – *Tardes com Deus*
- 18 e 19 **Fátima** (Santuário) – Oficinas de oração: o Rosário e(m) Fátima
- 18 e 19 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Ter fome e sede de Deus* – P. Jorge Fernandes, SVD
- 24 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 25 **Fátima** (Santuário) – Jubileu das vocações
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 31 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical)
- 31 **Braga** (Altice Forum) – Início do 5.º Congresso Eucarístico Nacional



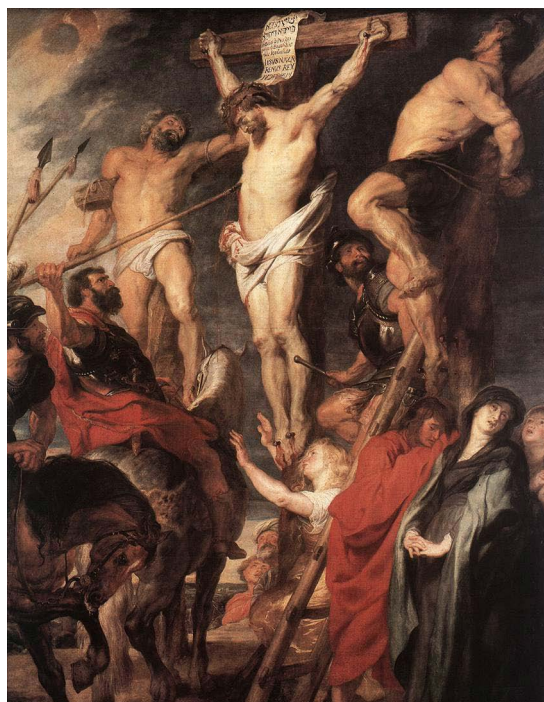
## Omnipotência de Deus e Jesus crucificado

Armindo Vaz, OCD

Todos os dias a Igreja na liturgia eucarística invoca Deus com o atributo de onipotente. É fundamental para a fé: um deus não onipotente ensombrá-la-ia. Mas esse atributo é frequentemente problematizado, incompreendido, acima de tudo quando o associam ao mal no mundo. Como lida com ele a Bíblia, testemunho privilegiado da revelação divina para a fé judaica e cristã?

Quando vê Deus como onipotente, contempla as suas acções libertadoras, tendo quase sempre como pano de fundo a experiência humana e espiritual do êxodo de Israel, que atribui a Deus a libertação da opressão egípcia, considerada humanamente impossível (Ex 14,11-14). Para a fé israelita só Deus podia realizar tão grande maravilha: "Algum deus tentou alguma vez vir buscar para si um povo do meio de outro povo com provas, sinais e prodígios..., com mão forte e braço estendido, com terríveis portentos, como fez em tudo por vós o Senhor, vosso Deus, no Egipto, diante dos vossos olhos?" (Dt 4,34). A fé que viu Deus a libertar Israel para lhe dar uma pátria também O viu a fazê-lo regressar do exílio da Babilónia, num autêntico novo êxodo para a pátria amada: "Aí vem o vosso Deus; aí vem o Senhor...; vem com poder e o seu braço assegura-lhe a soberania" (Is 40,10). Portanto, a *omnipotência* de Deus alinha com a sua *salvação*, tão sobre-humana que é equiparada a um acto de *criação* (Is 43,1; 44,2). Deus é visto como onipotente no amor pelo povo: a onipotência de que faz gala exerce-a a favor dos débeis, pobres, oprimidos e em forma de perdão. Por isso, o Novo Testamento não receou dizer que o poder de Deus culminou na extrema indignidade de Jesus crucificado (1 Cor 1,17-25). Foi nela que se manifestou o seu supremo amor, confirmado na ressurreição do Filho. E nesta aparece em que consiste a sua onipotência: não é de ordem física, empírica, mas da ordem do Espírito e do amor. Quando a fé põe Deus na vida e O vê como onipotente, também quer dar fundamento e conteúdo à esperança.

Somos assim convidados a abandonar a ideia de um Deus-mago e a assumir a imagem do Deus-mistério que dá sentido ao universo e que teve o ponto culminante da sua revelação na Encarnação em Jesus, desde a sua concepção até à morte. Na cruz de Jesus, Deus foi despojado, humilhado, esbofeteado, insultado por "salteadores crucificados com ele", desafiado a mostrar-se um Deus intervencionista: "Salvou outros; que se salve a si mesmo se é o Messias de Deus, o Eleito" (Lc 23,35); "salva-te a ti mesmo se és filho de Deus e desce da cruz...; é rei de Israel; que desça da cruz e acreditaremos nele; põs a sua confiança em Deus: que o salve agora, se verdadeiramente o ama, pois disse 'sou filho de Deus'" (Mt 27,38.40-44; Mc 15,29-32). Mas se Jesus descesse, entraria na lógica do espectáculo pedido: se na morte fizesse ilusionismo, a vida teria sido uma ilusão. A cruz não mente nem deixa mentir: é o esplendor da verdade nua e tira dúvidas sobre a identidade do filho de Deus. "Aquele que viu dá testemunho; e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis" (Jo 19,35). A cruz foi produto da *traição*, de Judas. Jesus transfigurou-a em *atração*: "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim" (Jo



Jesus na cruz entre os dois ladrões

Peter Paul Rubens – 1620 – Musée des Beaux-Arts, Antuérpia

12,32). Condenado por todos os tribunais à época (Sinédrio, Herodes, Pilatos e o povo), rei ridiculizado por uma humanidade insensível, morre de amor na nudez humilhante, trespassado por cravos e uma lança lancinante. Mas "contemplarão aquele que trespassaram" (Jo 19,37), fazendo assim nascer o cristianismo "da contemplação do rosto do Deus crucificado" (cardeal C. M. Martini).

Este rebaixamento, mistério envolvente, diz muito daquilo que Deus não é e daquilo que Ele é. Não é onipotente no sentido de milagreiro que dê espectáculo à vista. Quem quiser "ver para acreditar n'Ele" terá de o ver na fé nua, como um Deus que, sem deixar de ser o que é, se identifica com aqueles a quem salva. O relato da sua *paixão* pela humanidade entretece as duas linguagens que tecem a vida e que todos compreendem: a dor e o amor. É um Deus ferido de amor e de humanidade. Em Jesus sofredor, identificou-se particularmente com os mais vulneráveis. É enquanto tal que permanece no coração da história e que terá de ser *procurado*; não a descer espectacularmente da cruz com Jesus mas a lavar os pés aos discípulos e a dizer-lhes: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei" (Jo 13,34). E será *encontrado*, não a vingar os que o mataram mas a perdoar-lhes (é notável que Jesus peça perdão ao Pai para os seus algozes, quando ele tinha todo o poder para lhes perdoar: Mt 28,18; Lc 5,24; quereria significar que matá-lo a ele excedia todas as medidas do inumano?). Se alguém quer ver Deus onipotente ponha os olhos em Jesus crucificado impotente. É acima de tudo na cruz de Jesus enquanto lugar de amor sofrido que se compreende em que consiste a onipotência de Deus: nela *pode* abraçar *toda* a humanidade salvando-a. Não salva da cruz, salva na cruz com Jesus. A identificação de Deus com o Filho e só com a bondade revela-o próximo, presente aos humanos, embora sob a forma de ausência, a chamar do interior dos acontecimentos e das pessoas. A sua bondade, vinda da cruz, do alto, é transcendente: só precisa de ser acolhida para ser onipotente.


## «Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD

George Steiner, judeu, escritor, crítico literário, estudioso da literatura e da história das ideias, professor em várias universidades. Nascido em Paris, falecido aos 90 anos em Cambridge, Reino Unido, em Fevereiro de 2020, remata assim o artigo «Uma espécie de sobrevivente», escrito em 1965, publicado depois no livro *Linguagem e silêncio: Ensaio sobre a literatura, a linguagem e o inumano*:

«Não sou capaz de aceitar a ideia de ir viver para Israel. O Estado de Israel é, em certo sentido, um triste milagre. O programa sionista de Herzl é portador das marcas evidentes do nacionalismo ascendente dos finais do séc. XIX. Nascido da inumanidade e sob o signo do massacre iminente, Israel crispou-se como um punho cerrado. Não há sentimento nacional mais tenso do que o alimentado por um israelita. Assim tem de ser, se a estreita faixa de terra que é a sua pátria quiser sobreviver à alcateia que ameaça as suas fronteiras. O chauvinismo torna-se quase uma necessidade vital. Mas, ainda que a força de Israel cale fundo na consciência de cada judeu, ainda que a sobrevivência do povo judeu possa depender de Israel, o Estado-nação em armas continua a ser uma relíquia amarga, um absurdo num século em que seres humanos demasiado numerosos se apinham e atropelam... Por isso, há uns quantos que entendem ficar ao frio, fora do santuário do nacionalismo – embora este acabe por ser também o seu... Se, um dia, os meus filhos vierem a ler estas linhas e a boa sorte quiser que o façam em condições favoráveis, tudo isto talvez lhes pareça tão remoto como é já hoje

para um grande número dos meus contemporâneos. Se as coisas se deteriorarem, talvez possam ajudá-los a recordar que já noutras circunstâncias a estupidez e a barbárie os escolheram como alvos. É a sua herança. Mais antiga, mais inalienável do que qualquer carta de nobreza.



CONGRESO INTERNACIONAL  
**CATEDRA**  
*Etty Hillesum*

Ávila - España

## Escritura íntima, escritura expuesta

**DEL 12 AL 14 DE ABRIL  
2024**

(CITeS) - "Universidad de la Mística"

Invitan:



2º Congresso  
S. Teresinha do Menino Jesus  
19-21 abril 2024

“No  
**Coração**  
da Igreja”

Santa Teresa do Menino Jesus  
no magistério do Papa Francisco

CARDEAL D. ANTÓNIO MARTO

Contexto histórico-espiritual  
do Século de Teresinha

DR. ALEXANDRE FREIRE DUARTE, UCP PORTO

A Palavra que desvenda mistérios

P. MANUEL REIS, OCD

A proposta do Pequeno Caminho

P. JOÃO REGO, OCD

O lugar de Teresinha na Igreja

P. RENATO PEREIRA, OCD

A espiritualidade eucarística  
e mariana de Teresa de Lisieux

P. FRANÇOIS-MARIE LÉTHEL, OCD

OPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO: Presencial | on-line

DOMUS CARMELI

Ordem dos Carmelitas Descalços  
Rua Imaculado Coração de Maria, 17  
2495-441 Fátima  
Tel: (+351) 249 530 650  
WhatsApp: (+351) 922 298 665  
ww.domuscarmeli.net

## 1.º Congresso Espiritualidade e Mística

Braga, 24 a 27 de abril 2024



O Instituto de História e Arte Cristãs (IHAC) e o Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) promovem o 1.º congresso de espiritualidade e mística intitulado «À procura do não-limite». A iniciativa realiza-se na coluna de eventos do Bom Jesus do Monte, em Braga, de 24 a 27 de abril de 2024. A organização propõe-se abordar «o tema da espiritualidade e da mística, envolvendo vários especialistas destas matérias, por forma a oferecer a todos os que no congresso participarem uma reflexão atualizada sobre as diversas vertentes que envolvem estes dois domínios».

## 2.º Congresso sobre Santa Teresa de Liseux

Fátima, 19 a 21 de abril de 2024



A celebração dos 150 anos do nascimento de S. Teresinha do Menino Jesus (2023) e dos 100 anos de beatificação (2023) e canonização (2025), são um bom pretexto para redescobrir a vida da jovem carmelita de Lisieux. Neste sentido, os Carmelitas Descalços vão realizar um congresso de 19 a 21 de abril de 2024, em Fátima (Domus Carmeli), sob o mote "No Coração da Igreja". «Queremo-nos aproximar do coração da sua experiência e nela encontrar as razões da atração que Teresinha continua a exercer em todos os cristãos».

## XXXIV Jornadas Teológicas

Braga, 15 a 17 de abril de 2024



A Revista *Cenáculo* promove a XXXV edição das Jornadas Teológicas, este ano sob o tema «Geração Francisco». A atividade decorre no Espaço Vita, em Braga, nos dias 15 a 17 de abril de 2024. O primeiro dia contará com a presença de Humberto Miguel Yáñez (sj) que falará sobre o pontificado do Papa Francisco e "o que dizer da ação do Espírito no hoje da Igreja"? No segundo dia, Eduardo Duque abordará o tópico "A Igreja e os jovens: caminhos de encontro e linguagens do futuro". No último dia, cabe a Cristina Inogés Sanz expôr a temática "Dos ministérios instituídos e da possibilidade da ordenação das mulheres no grau do diaconado. Que caminhos futuros?". A participação nas jornadas é de entrada livre.

## A experiência de Deus a meio da vida

Salvador Ros García



O caminho e o lugar para o encontro com Deus passa por e consiste na experiência pessoal. A experiência de Deus não é algo extraordinário nem longínquo: «N'Ele vivemos, nos movemos e existimos» (At 17,28). Este é o ponto de partida de todos os místicos. Estamos longe de entender o que significa essa experiência, e muito mais ainda de uma ação pastoral adequada que permita passar de um cristianismo «só praticante», ou «só militante», a um cristianismo de vida teologal, de experiência mística. Salvador Ros García é carmelita descalço. Estudou Teologia na Universidade Pontifícia de Salamanca e Teologia Espiritual no Teresianum de Roma. Especialista em santa Teresa de Jesus e em são João da Cruz, com edições das suas obras, cursos, conferências, congressos e numerosos estudos publicados. Ambos místicos são também aqui, neste livro, seus companheiros de viagem.

Publicação: Edições Carmelo

## claustr

### Almas Jovens, Corações Vivos: Emoções e Vivências Profundas no Âmago da Igreja.

Verónica Parente escreve sobre a Jornada Mundial da Criança, marcada para os dias 25 e 26 de maio de 2024. Ela é um convite à reflexão profunda sobre o papel dos mais novos na renovação espiritual da humanidade.

**O olhar de cima para baixo.** Filipe Baio, teólogo e professor de educação especial, partindo do axioma «Olhar alguém de cima para baixo "só é lícito se for para ajudar a pessoa a levantar-se"», apresenta aos leitores uma perspectiva e as perspectivas de um desenho de Rembrandt – a cura da sogra de Simão de São Lucas.

**Memória do coração.** Maria do céu Ameixinha, leiga carmelita e enfermeira coordenadora do centro de vacinação de Braga, recorda-nos como os dias da Pandemia da Covid19 nos mostraram um rosto diferente da Humanidade.

O evento é uma parceria entre a Ordem dos Carmelitas Descalços  
e a Universidade Católica Portuguesa



# III JORNADAS

## ESPIRITUALIDADE E LONGEVIDADE:

### O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

17, 18 e 19 de Maio 2024  
Fátima

*O Desenvolvimento Humano Integral e as Idades Tardias,*  
Alexandra d'Araújo | CIIS-UCP

*Oração e Maturidade,* P. Joaquim Teixeira | OCD

*Além da Doença: Atendendo às Necessidades Espirituais  
dos Utentes,* Helga Martins | CIIS-UCP  
e Joana Romeiro | CIIS-UCP

*Dignidade Humana e Cuidado Social: Que Desafios?*  
Isabel Santos | CEHR-UCP

*A Sacramentalidade e o Itinerário da Vida Humana  
e Espiritual,* P. Renato Pereira | OCD

*A Misericórdia como Oportunidade,*  
Cristina Carvalho | CIEP-UCP

*Workshop: A Gestão do Tempo Livre e o Lazer Sério,*  
Alexandra d'Araújo | CIIS-UCP

*A longevidade como uma Bênção na Sagrada Escritura,*  
P. Armindo Vaz | OCD

Domus Carmeli  
R. Imaculado  
Coração de Maria, 17  
2495-441 Fátima

Contacto para inscrição:  
pastoral@domuscarmeli.net  
tel. 249 530 650  
chamada para  
rede fixa nacional

Valor da Inscrição: 30€

# Ida e volta de Yosef de Betfagé

Frei João Costa, OCD



## I. IDA

- Pai, quem é aquele home que ali vai?
- Qual home, filho meu, de meu velho coração?
- Aquele cujo manso burrico alomba...
- Filho, esse homem Jesus é.
- O de Nazaré?
- Sim, esse é!

Homem bom e de boa palavra!

A mansa luz do seu olhar abençoa os meninos,  
os seus ditos são doces e divinos,  
e suas mãos como ninhos de pardais.

E não Lhe peçam mais,  
que se Lho pedirem mais Lhes dará,  
pois foi Ele que nos deu tudo quanto há:  
luz, água, grilos, montes bravios, campos sadios,  
águas, mares e rios, lulas e tudo o demais;  
monstros, gelos, neves e ventos arredios,  
as estrelas bastas como a poeira,  
as montanhas altas como o sol, a praia e a eira,  
o mar, o deserto e o arrebol,  
e, depois das durezas do inverno,  
a gentil flor da amendoeira.

- E é só por isso, que ora O aclamam?
- Não, filho, não tenho isso por certo,  
que ou muito me engano, ou o povo é incerto,  
volúvel e sem memória,  
e bem ignorante das Escrituras Sagradas,  
e das letras da nossa história. A não ser assim  
saberiam que Ele é o Príncipe e o Fim,  
a luz sem sombra, a ternura sem defeito,  
a alvura sem mancha, e o amor perfeito!

- Então, pai, porque O aclamam e vitoriam  
se não é nem rei nem general?
- Rei mortal não é, filho meu, antes, Deus imortal;  
e general também não, nem seu serviçal.  
Mas em breve coroa lhe daráo,  
debruada toda ela de duro ferrão.

É, como sabes, o pobre carpinteiro de Nazaré  
cujas mãos amaciaram casqueiras de pinheiro  
e corações de rude sobreiro.

Com palavras e gestos por inteiro,  
falando e rezando, esbanjou salvação  
por onde passou, e a gente se humildou.  
Suas mãos tinham calos, seus cabelos, halos.  
Seus mansos olhos eram fogueiras ardentes,  
tochas que alumiam a noite de qualquer lugar,  
de qualquer coração, qualquer mar.  
Seu olhar são duas brancas pombas  
que não distinguem os meninos,  
o nobre filho do rico do do pobre;  
é manso, e perdoa sem distinção  
os pecados a quem faz a renúnciação  
ao mal, ao erro intencional e ao malquerer  
de irmã ou de irmão de qualquer nação.

- Que coisas me dizes, meu pai,  
e de quão difícil leitura e percepção elas são  
ao olhar do meu coração!  
E mais, que são aquelas raízes  
que, parece, mas arrebatam ao peito?
- São espigas frescas e alecrim das nossas leiras  
que o povo arranca e espalha pelo duro chão  
manteando o caminho do Messias,  
a fim de que as ternas patas da mansa burrinha  
não arreceiem de levar Aquele que nos advém:  
o Príncipe da paz, de olhar claro e luminoso!

- E as palmas que eles agitam?
- São vitorios, meu filho, são vitorios de vitória  
e de paz, e hossanas de glória  
em honra de Messias tão esperado,  
de rei tão realmente desejado,  
pois é Ele quem traz a paz à nação,  
o único que não ousa quebrar a cana fendida  
nem apagar a fumegante torcida.  
Vê: consigo, Ele carrega a plenitude da luz,  
da esperança, da justiça e das leis  
e nos segue como pastor e manso cordeiro.

– E, afinal, que triunfo tão estranho é este, pai?  
– Esta procissão que ora vês  
é a de quem caminha para o sacrifício e a morte,  
que o povo não lhe reserva melhor sorte.  
Sabe, as palmas erguem-se aos reis,  
mas estas não lhe são fiéis.  
E O que agora monta o doce jumentinho,  
cairá dentro de dias sob o peso do madeiro.  
Agora, porém, meu filho menino, tu, segue-O,  
que a ti a Ele te entrego!  
Leva este ramallete na mão,  
esta pequena palma da fé, o mirto da oração  
e as folhas do salgueiro,  
porque em breve também tu te emudecerás.  
Canta-lhe, agora, ao dorido coração como turíbulo feliz.  
Brande, alegre e jubiloso, o ar no seu torno,  
mas no fim não te esqueças e traze-mo  
para que ele sempre me fale da sua humildade,  
fidelidade e mansidão.

## II. VOLTA

– Pai! Pai! Meu pai!...  
– Meu filho, Yosef! Meu filho!  
Meu filho pequenino, meu doce Abel,  
que há uma semana te cuido perdido!  
Jahvé – louvado seja Ele – te resguardou!  
Meu filho, que para sempre perdido te julguei!  
Teus irmãos te rebuscam p'la Cidade do Messias!  
E se acaso não regressam  
é porque por lá não te encontram!  
Onde te meteste tu, meu filho?  
Que te sucedeu, meu querido menino?

– Pai, abre-me teus braços santos,  
abre-me teus braços, e abraça-me, pai,  
por favor, pois sem ti me senti tão perdido!  
E quem ao caminho deles me achegou  
foi este manso burriquinho  
que tem não sei quê de divino,  
pois em todo o tempo me amparou!  
– Ai, filho, esse burrico que trazes e te trouxe  
é de nosso primo Eliézer!  
Vamos, descansa, liberta o animal no nosso beiral  
que, pronto, ao dono, o haveremos de devolver.  
– Não, pai, deixa-me ficar com ele!  
Somos co-irmãos,  
que este foi o burrinho do Salvador!  
– Vamos, descansa, filho!  
Vai agora pra dentro consolar tua mãe, Lia,  
que noite e dia chora e nada come,  
por te julgar para sempre perdido!  
Prestes Jahvé nos devolverá teus irmãos,  
ou assim teu velho pai espera e crê,  
que a nenhum de vós quero perder!

– Sim, sim, minha mãe, pronto, irei consolar,  
mas agora, junto de ti, meu pai, quero ficar.  
– Queres então, em meus braços adormecer?  
– Não, meu pai, não quero, que grande já eu sou!

Teu filho, sim, eu sou, mas não mais menino!  
É que eu vi o que nenhum home deveria ver:  
a morte de seu Mestre, seu Deus e Salvador!

– Conta-me, pois, meu filho querido,  
o que visto tu? Porque te não adormece a alma?  
– Vi a Deus com meus olhos  
montando um burrico de paz, vi-O caminhando  
e tomando por discípulo um rapaz!  
Vi-O chorando ao ver a Cidade Santa  
que O não soube merecer!  
– Ai, meu filho, estou a ver!  
Definitivamente tu és um eleito do Altíssimo,  
a quem foi dado ver o que nenhum século viu!  
– Seja, meu querido pai!  
Eu vi o Mestre a ensinar as multidões;  
vi o Profeta a expulsar os vendilhões!  
Vi o Messias, sozinho, a rezar no Monte  
e a purificar o Templo com o Seu exemplo!  
Vi-o quase caçado em ciladas e discussões,  
e vi nossos chefes calados e perturbados  
sem conseguir responder às suas razões!

– Tudo isso viste, meu filho?  
– Tudo isso vi, meu pai!  
– E como tanta certeza tens?  
– Tudo vi claramente visto!  
Vi, perto da Hora, que Ele me tomou pela mão  
e me disse: «A ti, Yosef, te entrego este burrico  
forte, meigo, manso e esperto,  
que recolheu as palmas que eram para mim!  
Toma-o, é teu, e a seu tempo te devolverá  
a teu pai, Asher de Betânia!  
E a ti mais te digo: Eu te constituo testigo  
destes duros dias de contradição:  
viste a figueira que secou?  
Viste este povo que não se calou?  
Não te cales tu também jamais,  
e dize por aqui e por além o mais  
que o Messias disse e fez!  
Eis que, muitos esperaram ouvir e não ouviram,  
esperam ver e não viram, nem bem nem mal!  
Guarda-o para ti, que a seu tempo o dirás!».

– Filho meu, e que mais te disse o Messias?  
– Que no 13 de Nisan seguisse o homem da bilha  
até a sala de cima, onde a páscoa comeria  
e o último vinho na terra Ele beberia!  
No dia concertado, diligente, eu o segui,  
e do cordeiro e ervas amargas comi.  
Vi ainda Judas com a mão no seu prato,  
e logo para a sombra, rápido sair o vi,  
para o doce Mestre trair.  
E mais não entendi, pois adormeci,  
e por ali me aconchegou a Venturosa.  
E quando inda o Fanfarrão não cria no perdão,  
incansável, de novo vi depois a Chorosa,  
a Lacrimosa, prestimosa a todos consolando,  
como fonte santa do bem tão esperançado!  
E feliz vi o dia primeiro, o da Ressurreição,  
o da nova geração, o da inteira criação,  
inundar todo o ar de luz, de paz e de bênção!